

António Fabricio da Silva
Coimbra 23/3/1825

tríptico



arte-poe- sia-crítica

7

C o i m b r A
1 9 2 5



IMPRESSÕES

L Á P I D E S

À MEMÓRIA DE ANTERO, NOBRE, CESÁRIO E GOMES LEAL

E nos grato descansar o espírito, uma vez por outra, na beleza solitária e silenciosa de certos recantos da terra.

Lugares há, ali em S. Martinho do Bispo, que são dêsses recantos, onde a solidão e o silêncio se poetizam pela gentileza dos aspectos naturais e onde, por isso mesmo, o nosso espírito se deixa embalar docemente, desanuviando-se, purificando-se, — descansando.

Pelos fins de setembro, então, êsses lugares, desde Bemcanta a Espadaneira sobretudo, realisam um pequenino Eden.

Da estrada ao rio — do cotovêlo da Estrada em Espadaneira até o rio —, serpeia um caminho estreito, sombreado por arvoredos em túnel, que é de encanto maravilhoso: — nêle, a sombra amena e poética faz sair de nós a alma, e dispersa-a, enternecida, por quanto nos cerca e, mais além ainda, por vagas regiões etéreas que o sonho mal sonha. São freixos, amieiras, salgueiros, choupos, com o seu vário porte, com o seu vário tom de verde; são os silvedos caprichosos encabelando velhos muros ou esboroados taludes; são as valeiras de águas oleosas, a espaços arripiadas pelo salto das rãs ou pelo fugidio perpassar de insectos; são até os charcos onde as águas mortas apodrecem, a reflectirem mais brilhante, o verdume da relva e das árvores que os olham...

E na frescura da sombra, voejam mariposas de àsas roxas, ecoa por vezes, surdamente, o grave chocalhar de algum rebanho longínquo ou, com viveza, o esperto pipiar de algum pássaro oculto na folhagem — ecos fugitivos que mais vincam o silêncio e a solidão...

Pelas aberturas da parede verde, surgem os longes: milhos, canaviais, oliveiras tristes; um ou outro sobreiro com o tronco a sangrar ainda, por lhe haverem arrancado a cortiça; algum cipreste, insulado, como se as outras árvores, como nós, soubessem que o cipreste é agoirento da morte e dêle se arredassem temerosas... Longes sombrios, longes melancólicos...

Depois, sobrevém ao fundo o rio, correndo, correndo sempre, a roçar-se pelo oiro das areias, — e as árvores das margens, os salgueiros modestos e os choupos altivos, assistem enlevados ao desfile das águas, que os poetas e as lendas fizeram subir ao mais alto pôsto das águas portuguesas.

Lá no alto, deslisam milhafres, lentamente, desenhando círculos escuros no azul do céu...

Vagueio por esta solidão, por êste silêncio, — embrenhado no caminho predilecto, — ; e o meu espírito descansa, transportado em devaneios de beleza e felicidade!

Não há só ninfas onde a fantasia antiga as criou e as sentiu: — há também as ninfas da luz e as ninfas da sombra... E é nos crepúsculos que do céu descem ou nos crepúsculos que na terra se formam, no meigo ninho dos arvoredos, — que as ninfas da luz e da sombra se encontram, se dão as mãos, e dançam as suas rondas empolgantes...

— Quem me dera aqui viver sempre, em ermo tão suave, entre as rondas empolgantes das ninfas da luz e da sombra, ; se o espírito se não cansasse também... de assim descansar!

Espadaneira (Coimbra), Setembro de 1924.

CLÁUDIO BASTO.

ANTERO, o santo, esculpiu a maravilha inigualável dos « Sonetos ». Livro sagrado. Cânticos dessa Biblia quizera-os eu nos Pórticos dos Templos, nos Atrios das Universidades. E, defronte da Catedral magestosa, a Sé de Coimbra, em cujos degraus Eça de Queiroz, ovate de devoção « ajoelhou para sempre », certa noite estrelada, ao surpreender o Poeta, como sábio Druida, interrogando para Infinito, eu puzera por memória *desta mocidade e dessa página imortal*, (Coimbra é a cidade-monumento dos Poetas), o mais austero bloco de rocha que arrancasse das colinas de arredores, e em cujas faces lageadas, impecáveis, se gravassem — Sonetos de Antero.

ANTÓNIO NOBRE, enfeitado do velho avô-oceano, saudosista à maneira de Garret, o « caro Garret dos quadros regionais e dos enraizamentos que dêle fazem o mestre primeiro do Lusitanismo » — amando Antero, « Antero, a Biblia e pouco mais », — é ainda o maior enamorado do Lirismo comoneano, — « o Luís de Camões e da Esperança ». Lusiada no « Só ». Sebastianismo e Esperança nas « Despedidas ».

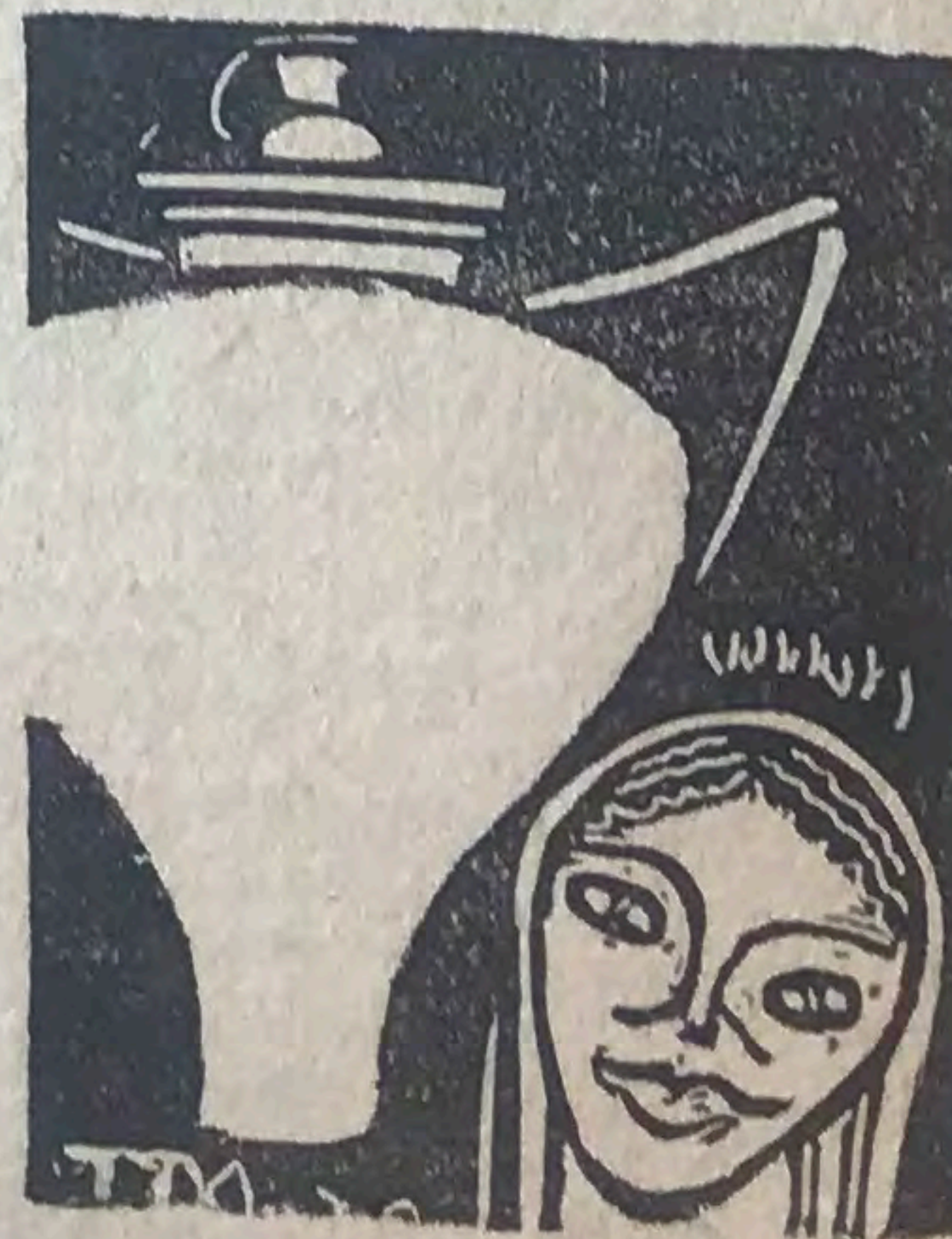
E' CESÁRIO VERDE também um criador de novos valores líricos. Os seus versos, dominantes de imprevisto, preciosos no detalhe, naturais, mas sem espontaneidade, — por isso que Cesário é o menos improvisador dos Poetas, lembram-me sempre, ao lê-los, quasi assim o que Camilo disse da formosura: « um geito feliz da natureza ».

Mas é GOMES LEAL, indisciplinado e perdulário, o Poeta que em nosso moderno lirismo possui o mais alado segrêdo do verso. Gomes Leal foi todo sentimento e imaginação, mas de uma poetica infância diante do complexo espectáculo da vida.

Ele foi ao sabor só da sua exaltada fantasia, arredando para segundo plano a parada atitude formalista como um cego que espalhasse pedrarias ao acaso.

Mas, embora irregular, caprichoso, deixando correr versos maus como os peores pecados, ninguém como êle tem achados de graça espontânea de expressão, e melhor obedece às leis do ritmo.

AFONSO DUARTE.



É de Milly Possoz a admirável gravura em madeira que em separata publicamos.

O próximo número do « tríplice » será consagrado a Camilo, inserindo um trabalho de Vitorino Nemésio, uma carta inédita e um retrato do romancista gravado em madeira por João Carlos.

S O N E T O

O dia hoje amanheceu sombrio,
Plúmbeo o céu, e húmido, viscoso...
O vento põe um rictus doloroso
Na epiderme flácida do rio.

Passa no ar o lívido arrepio
Dum silvo de serpente misterioso.
E pálido, grotesco, hiper-nervoso,
Choro de medo, bebo vinho, rio...

Dos corvos o agoirento bando negro
Vôa baixo, a grasnar, cruel, voraz...
A estranha taça onde bebia quebro.

Ficam-me os olhos fundos como poços...
E sinistro, gelado, o vento faz
O ruído singular dum ranger de ossos!

AMÉRICO DURÃO.

L U A S

Lá por fora o luar é um vendaval de luz,
Como este amor desvairado,
Que nasceu numa hora de pecado
E há-de morrer numa cruz!

Lá por fora o luar é um dilúvio de alvura:
— O teu corpo arrepiado,
Quando o tenho nos braços enleado,
E os teus olhos são lagos de ternura!

Hoje fiz-te chorar; eras tão linda assim...
(Lá por fora o luar, pela noite sem fim,
É um duende a correr por montes e quebradas!)

— São luas, sabes, meu amor? — Desejos
De te ferir, para beber, aos beijos,
As tuas doces lágrimas salgadas!

A. DE SOUSA.

Q U A D R A S

Sejam loiras ou morenas
Tôdas têm o mesmo geito...
As penas de amor, são penas
Que se dão em todo o peito!

*

Sempre quis acreditar
Na dureza do teu seio:
Os rochedos, junto ao mar,
Dividem ondas ao meio...

Na capelinha da serra
Foi-se a casar a pastora:
Foi padrinho o S. Tiago;
Madrinha, a Nossa Senhora.

*

São as ondas do mar alto
Aquelas que eu mais respeito:
— Lembram as grandes saudades
Crescendo adentro do peito.

JOÃO NETO.

S O N E T O

A AARÃO DE LACERDA

De dentro de meu peito, sem temor,
Hei-de arrancar meu coração, um dia,
a ver se poderei vencer a dor
que me consome a vida e a atrofia.

Hei-de arrancá-lo e feri-lo, sem horror.
— Que êle, afinal, não tem grande valia
pela razão de ter lá dentro, o amor
que alguém me deu, por troca de alegria:

Fazei o que eu fizer — oh! meus irmãos!
— Tomai os vossos corações nas mãos
e feri-os, a matar, sem compaixão!

— A termos todos, tôda a vida, um mal
a acompanhar-nos—meus irmãos!—mais vale
ficarmos todos nós sem coração!

ALBERTO DE SERPA.

MACIEIRAS EM FLOR

Macieiras em flor, oh! meu Amor!
Que lindas, sôbre a graça do teu vulto!
Quando tu és presença em derredor
Anda Jesus oculto.

E abençoando as cousas meigamente...
É tão leve, tão leve quando passa,
Que se não é o olhar da tua graça
Nem dá por tal a gente...

Chove encanto do Céu pelos caminhos!
Falas!? e há mais perfume à nossa volta,
Estremecem de amor todos os ninhos
Quando em teus lábios essa voz se solta!

É que és tôda florida,
Como são as macieiras!
Foi em ti que fez ninho a minha vida
Que é uma avezinha de asas feiticeiras.

Em tudo é primavera,
Di-lo o teu vulto leve e o teu olhar!
Numa igrejinha recoberta de hera
Oh! meu cândido Amor, vamos noivar!

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA.

VITÓRIA DO ESPÍRITO

A SARMENTO DE BEIRES

Dizem que para os lados de onde nasce o sol, há dois rios que vindos de origens diferentes se juntam afinal no mesmo rio...

Dava o meu dia por bem empregado, sempre que encontrava na Baixa o Luís de Gouveia. Alto, magro, uma intensa mobilidade lhe animava as faces pálidas, nas quais os olhos se abriam como dois poços, guardando em seu interior profundo a água lustral do pensamento.

Quando passava, sempre desatento à frivolidade envolvente, ora curvado um pouco sobre si próprio, como que a prescrutar-se, ora de olhos em alvo, numa abstracção de quem vai correndo atrás de uma ideia, nunca o encontrei banal e vulgar, enredado em preocupações mundanas, antes pelo contrário, tinha sempre uma atitude espiritual que levava infalivelmente a nossa conversa para as coisas elevadas do pensamento, e à qual ele arrancava os mais subtilezinhos aspectos de beleza. Nunca as contrariedades da vida enfraqueceram o seu optimismo forte e reflexivo, repetindo-me:

— Amigo, a vida é uma batalha para a qual devemos ir bem couraçados. A couraça do homem de espírito está no conceito daquele misantropo que dizia: há uma única maneira de tolerar a Humanidade: é esperar pouco dela!...

Quando uma tragédia estalou na sua vida, tão violentamente que mal eu percebia como ele não tombava em desespero, respondeu-me apenas:

— Podia ser pior...

E percebendo no franzir dos meus lábios uma ténue desconfiança da sua sensibilidade, retorquiu-me altivo e sereno como um deus:

— É que à alegria da satisfação, um prazer maior se substitui: o orgulho da minha dor! O orgulho de sentir sobre mim todo o peso do mundo, e a-pesar-disso, viver! Viver, amigo, a plenitude da vida!

— Ou vegetar?...

— Ah! não! Viver — dizia-me com acentos de energia viril — viver para a alegria embriagante do triunfo!

— Sim, mas antes do triunfo, se lá chegares, quantas desditas!

— Sim, quantas desditas! Mas que valia o triunfo sem elas?

Depois, meu amigo, a-par das desditas, quantas e quão compensadoras belezas. A dor é para nós como o prisma para a luz solar: através dela a beleza da vida se decompõe em todo o seu vívido e bizarro colorido.

Desde este momento, para mim as crianças têm mais encanto, as flores mais delicado perfume, a bondade mais ternura e um beijo penetra mais fundo...

Esta filosofia de combativo não lhe atrofiava, entanto, as delicadezas do sentimento. Às vezes surpreendia-o num alheamento de estesia, olhos no vago sobre a recordação dum beijo furtivo em certo pulso amado, que na sua vida ficara como uma eterna estrela de saudade!

Combativo embora, se alguma discussão se travava, era frequente deixar-se vencer, dizendo-me depois muito simplesmente:

— Afinal este argumento desfazia aquilo tudo...

— Mas por que foi que o não empregaste?

— Para evitar-lhes uma situação desastrosa.

— Mas nessa situação ficaste tu!
— Pois sim, mas vale mais vencer-me do que vencer alguém!...

Todo o homem sensato deve evitar ao seu semelhante uma situação de inferioridade, que humilha sempre e é sempre odienta...

E quando prestava um serviço, costumava dizer, parafraseando Alphonse Karr:

— Afinal quem fica obrigado sou eu porque tive oportunidade de ser útil.

A última vez que o vi, mal me avistou, correu para mim de braços abertos, com um estranho fulgor de alegria nos olhos:

— Abraça-me, abraça-me, estou doido de alegria.

— Mas porquê, homem?

E, solenemente:

— Acabo de renunciar a uma mulher excepcionalmente bela!

— ?...

Ora ouve:

— Eu costumava ir todos os dias para o jardim, logo ao alvorecer da manhã, aguardando esse momento épico em que o sol, a romper, é como um clarim conclamando, lá para as bandas do Nascente, e ao seu clamor acudindo, ao seu clamor viril, das entranhas da terra as puras seivas emergem, intumescendo homens e coisas. Depois, ficava algum tempo deitado junto dum madressilva, atrás dum muro, lendo ou meditando. E todos os dias infalivelmente, quando as nove horas caíam, eu sentia na rua uns passos apressados, subtilezinhos como de

«ovelhinha branca, ingénua e delicada»

que passasse... que passasse...

Muito tempo contive a minha curiosidade, e todos os dias compunha um ramo de cravos e baunilha que detrás da madressilva ela via cair misteriosamente. De cada vez que me sentia impellido a aparecer, logo me assaltava o receio confrangedor de quebrar o encanto do poema, com a pungente desilusão de ver surgir, em lugar da deusa pagã que sonhava, o corpo débil dum costumeirista incaracterística.

Mas um dia houve que não resisti, e das madressilvas, ela não viu surgir o infalível ramo de flores, mas a minha fisionomia transfigurada de emoção, transfigurada de emoção, porque na verdade os seus grandes olhos verdes, cheios dum claridade celestial, o seu corpo nervoso, exalando frescura e graça como as flores exalam perfume, a eúrnea polpa da sua carnção, que à simples vista revelava a consistência *tonus*, faziam dela uma estranha aparição de beleza, bizarra criação helénica que milagrosamente brotasse do cinzel apaixonado dum deus pagão. Insensivelmente, o livro caí-me das mãos e, quando trêmulamente lhe pedi que o apanhasse, ela respondeu numa voz volumosa e quente, que não era o maior dos seus encantos:

— Sabe que o romance já me arreliava? Ao menos aparecesse!

— Para a desiludir, não? Confesse...

— Mas confessar o quê?

— Que não sou, positivamente, um príncipe...

— Um príncipe de bom gosto, por certo. Mas deixemo-nos de galanteios.

As suas flores já me disseram de si o bastante para que por minha vez lhe possa dizer: conversemos como bons amigos!

E como bons amigos conversámos.

Disse-lhe tudo, tudo, o que podia dizer-lhe a minha exaltada imaginação poética, e ela viu nos meus olhos a expressão indizível das harmonias mudas que os seus olhos magos desferiram nos meus nervos, o êxtase da minha alma agradecida, para quem ela era, mais do que uma mulher, a personificação em que se corporizou, afinal, o meu grande sonho de artista!

E ao pé dela, todo o mundo se esbatia nos longes da memória, e a visão do paraíso surgiu, quando os seus dedos de seda docemente me cerraram as pálpebras, afagando-me as olheiras!

Ah! mas — e felizmente, como há-de ver — o mundo estava perto, não para fazer em bocados o poema que tanto acalentáramos, mas para inflar mais do sopro da beleza a minha alma desfraldada.

Uma tarde, ia o sol a afundar-se entre rendas de espuma que o mar lhe oferecia, era a Trafaria uma àsa branca de gaivota pousada na areia da praia; tremiam os meus dedos na sua cabeleira dourada, iam nossos lábios colar-se na suprema exaltação do primeiro beijo... quando Ela, alvoroçada, se desprende dos meus braços:

— Por Deus, que vamos nós fazer?

— Não, não, Luís, nós temos primeiro que dizer um ao outro a nossa vida. Que sei de si, que sabe V. de mim?

— De si, de mim, de nós ambos, sabemos só que nos queremos muito...

— Não, não, Luís...

...E disse-me, então, a sua vida toda.

Mais por conveniências e simpatia de família do que por seu próprio gosto, estava comprometida para casar com um oficial da marinha que àquelas horas andava por mares longínquos e que loucamente a adorava...

Fiquei perplexo, refluíu como por encanto a mim toda a serenidade, e nos meus olhos passou, em vívido relêvo, todo o puro encanto conjugal, que um arrebatamento de sensualidade estilizada ia perder e acaso havia já comprometido! Mas os seus olhos tinham tanta ternura, era uma promessa tão absorvente a sua bôca rubra com bocadinhos de neve, que todas as minhas forças amoleciam...

Num supremo esforço, porém, olhei ainda uma vez os seus olhos lá no fundo, beijei as suas mãos pálidas, e...

— Adeus...

Ainda ouvi o seu soluço múrmuro, que já não tinha, não, a harmonia doce dos passos subtilezinhos de outrora!

— E aqui tens porque renunciei a uma mulher excepcionalmente bela!

— Uma pieguice, afinal, retorqui-lhe. Não aproveitaste tolamente o que outros irão saborear.

— Que importa, se, em vez dum remorso, tenho dentro de mim, eternamente viva, a satisfação de uma nobre atitude moral — e o que é maior ainda — em vez dum aborrecimento, a beleza imarcessível dum longa, delicadíssima saudade...

MÁRIO DE CASTRO.

ILHA DA FORTUNA

Dois longos sóis no mar são já passados que vogamos, no *Garajau* de lento baloiço triste, em cata da Ilha Primária ou das Donzelas. Um portulano medieval a traz sob este signo. *Insula Columbi*, ou da Garça de coloral formoso; *Insula Capraia* ou da cabrita úbere e montesa; ao fundo, *Insula di Corvi Marini*, esboçadas na traça da pinacoteca de bordo são como sombras deleitosas, rastos de aves de bico dentirrosto. Mas, trabalhados, os dias vão penosos, correm as horas no páteo do mar como nereidas e, pic, pic, nas cordas que a vaga faz erguendo-se, as toninhas cabritam.

O mar é o pasmaceiro mais pasmado e, abaulado em seu regular movimento, debaixo do céu, semelha um cérebro de vastos pensamentos.

Às vezes, do cesto da gávea abandonado, um rápax voa, explora em altitude. E seu olho redondo regressa estático da viva luz difusa, leitosa das nuvens madreporárias que escorrem.

Meio dia batido na sineta de bordo, por toques duplicados, estou na ponte e o capitão do barco. Pêra ruça e cofiada, maçãs do rosto vermelhas como camoessas maduras, êle é o oráculo da armada que só tem capitânea.

Vamos muitas pessoas. Embarcaram os cavalheiros vestidos da lã dos merinos, as madamas de farta seda colada aos peitos e às ancas, como os sábios de barba veneranda e os cansados, esmorecidos jogadores de Mônaco. Em meia nau subiram criados à tolda com almoços frugais, queijos da serra e os amanteigados flamengos, dois gomos da desenoativa laranja e um hemisfério do cítrico frutinho. E inclinados, tenteando o disco, caixeiros de mostras da Covilhã jogam o *burro*.

A civilização da Europa estava mesquinha e caduca. Os ódios à solta eram como lobos vorazes mamando na mãe romana, não como Rómulo, como Remo os fundadores da cidade, mas como parasitas derradeiros da velha cidadania. De-balde os povos esperaram que breve, de Leninegrado, viesse o resgate requerido.

Só o mal, pegando como silva, instalava as mais retorcidas raízes para lá dos mais baixos nateiros. E sob a forma múltiplex de dojo, ardil ridente ou negação, derrubava as raras figuras de asceta, sábio ou letrado em busca da forma arquiperfeita. Os casinos e os bordéis alastravam-se, e não contentes dos mais pacatos burgos, abriam sucursais pelas aldeias serranas, rijas do exemplo austero dos antigos; — a ponto que, roídos de miséria, os *leaders* sociais passaram a porteiros e contratadores de teatro.

Resolvemos pois, perto de mil portugueses, tentar no Mar do Sagaço as ilhas da Fortuna. Um conselho se reüniu pressuroso para fretar galeão. Resolveu-se passar à vida verdadeira, sem sinal, nem diferença hierárquica. Mas os batoteiros teimaram em levar no bôlso algumas fichas e os caixeiros em trescalar a opopónax. Grandes senhoras puseram pó de arroz e encomendaram de Paris bisalhos. Banqueiros trouxeram as amantes em reservada *cabine*. E os papos-secos não abandonaram os monóculos nem os sapatos ponteagudos, com ralador na biqueira.

Nas longas horas de bordo, os sedícios costumes burgueses entretêm os viajantes: joga-se, pedem-se refrescos gelados; um casalinho de fresco maridado rô-rôla contra a amura. Cadeiras de lona atravancam as passagens estreitas,

e nelas, recostadas com negligente modo, meninas erguem os braços à cabeça. (Bela como és, minha filha, e de corpo subtil na malha roxa que vestes, supinho-te uma alforreca em sêco, vivo presente de El-Rei Mar...)

Murmurado isto comigo, a noite surpreende o barco, encapuchada vem de bruxaria e, sem estrêlas, profunda a todo âmbito, é um emplastro de breu no mar Oceano.

— Boa noite! — descí da ponte onde passei a tarde, ao pé do capitão, que agora cachimba o seu fastio, rufando nas vidraças. Sente-se ranger o correntão do leme, que segue na sua calha, recua, avança de novo e devagar, oleado e grosso. Dou uma volta ao convés. Provida de dois êmbolos, vê-se a máquina trocá-los no labor, e parece uma máquina volante de costura pespontando a água salsa. Se houvesse lua, ver-se-ia a cauda espumosa e a sombra do conta-milhas; seria o mar um lençol. Mas não. Enquanto desço ao camarote, desrolho os pés sacando as botas, penduro o casaco nos varandins do beliche, um novelo de escuridão doba que doba e um ventozinho sêco gira-gira. Vuuu... Canta na mastreação, nos ventiladores que são como flores de jarro. Um pouco mais bufão apagara Santelmo. E gorgolante, progressivamente voluptuosa, a água a bombordo — o meu bordo — afoga tôda a vigia.

Vamos experimentar a moleza da cama. Bem... Sômente o cobertor me deixa os pés de fora. Ennogo-me contra o frio, mas a porta bateu, ergui-me e refeguei-a. Só agora, de papo para o ar, considero a proximidade da terra afortunada aonde pus meu desejo. Lá, dizem, corre o tempo mais doce que um favo de mel cantado por Lucrécio. A vida é natural, e branda e boa. Os corações são amplos e perfeitos. E a paz, senhora de asa branca, abraça as coisas tôdas sob o frouxel da penugem, feita da luz mais fofa, do mais meigo calor e da mais santa graça.

Vu, vu... ¡Ah, maroto de vento, que me atrazas a marcha!

De manhã. Aromas de cedro, de pitóspero, de faia, impregnam os pulmões à gente; que regalo... Nasceu o sol com rubor de donzela e subiu, deitou no azul um pingo de oiro esplêndido. Eu sonho. E já no horizonte se desenhou a terra. Correm de seus fugúrios as donzelas vaidosas, as rebarbatiyas damas, os banqueiros de bota ladroa, de borracha. Afluem maquinistas que o óleo vil besuntou, cozineiros trazendo na mão couves tronchas, os cora-mastros com véstia de ganga escura. E todos, varados de surpresa, enquanto a sereia larga o seu pio de espanto, vêm, ao fundo, enorme, ascendendo em pluvial de rosas a grande ilha de que Platão falava, e nela a *Civitas Dei* formidanda.

Uma abada de pétalas e fôlhas cai, tomba sôbre os maldosos de nós: é a luz da aurora. Mas já ao esplendor subitâneo, sucedeu oiro, oiro vertido, pluri-forme e ofuscamente, sucedeu a luz que a todos esclarece e iguala dadivosa. Não mais, em velhas cidades corroídas, sombra de hostil palácio a dar alento à humidade, e nesta, sôbre cacos de barros, sobras de rancho podre aos pobres tristes. Nunca mais a betesga e nela aberta a porta onde a pobrinha, necessitada rameira, debruça os seios e espera. Para longe o verde tapete onde os cegos, os maus de entendimento, lançam o pão das filhas em rodela. E prisões de revoltados justos, de ladrões sem roubar, de matadores que apenas deram vida, nunca

CANÇÃO DA ALDRABA

Ó minha casa da serra sem disfarces de caiado, como é do uso da terra e também do meu agrado!

Telhas em onda quebrada, meu triste telhado antigo, pareces terra lavrada e semeada de trigo.

Encho-te os regos de milho: poisam-te as pombas em bando. — Guarda-me como teu filho enquanto por aqui ando.

A porta já tão velhinha, gemente, quasi que chora; não deixa ninguém na rua, Todos a abrem de fora.

Tem apenas uma aldraba; pois então para que há-de ter fechadura de chave como as portas da cidade!?

Eu não tenho que roubar, nunca fiz mal a ninguém: não tenho que reçar como muita gente tem.

Aldraba da minha porta, meu poema de humildade, quantos entram, quantos saem sem nos deixarem saudade.

Mas se sai alguém amado tens um som dorido e fundo: então devias pesar mais do que o pêso do mundo.

Quem vai prá guerra ou pró mar há-de erguer-te na saída: és a última a falar na hora da despedida...

Aldraba da minha porta, que não conheces ninguém e sem diferença anuncias má gente ou gente de bem!

Aldraba, gasta, a bater, cantiga de bom goi-ro, se a Bem-Amada te erguer concerto-te a fino oiro.

BRANQUINHO DA FONSECA.

mais junto às muralhas dos fortes, ao pé das tôrres feias, com negras varas de que fogem pombas.

Primaria sive puellarum, a ilha da Fortuna abriu seu seio a nós todos.

1925.

VITORINO NEMÉSIO.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA GUILHERME FILIPE NA CORUNHA

Quasi todos estes quadros foram feitos em Coimbra. Há aqui notas justas, como não podia deixar de ser, nalguns há mesmo côr local, como dizem os críticos. Mas, se há notas justas, eu não tenho culpa, ninguém está livre da forte sugestão da natureza.

Eu pinte e pinto, procurando esquecer-me de tudo isso, alargando a minha visão até à subtil indiferença por tudo o que está fora dela.

Não quero dizer que fujo à influência da natureza, nem eu mesmo sei se quero outra coisa que pintar quando pinto; mas a verdade é que eu vejo, até nas côres inteiras que saem dos tubos, a matéria da saúde, e é apenas saúde da natureza que eu quero que fique.

É natural que desagradem a muita gente quadros como o « Cristo negro », « O estudante e a prostituta », mas é para isso mesmo que eles aí estão. Pertencem a uma fase de reacção contra um meio parado que eu tive de tolerar durante quatro anos. Essa visão canalha é das mais finas de toda a minha vida e oxalá ela se alargue mais e recolha em si todos os assuntos que lhe pertencem, até que o céu se aviste, através do fogo do inferno.

* *

Tem-se abusado muito da palavra — síntese — quando se fala de pintura. E a maioria dos pintores que procuram ser modernos não só abusam dessa palavra, mas ainda procuram chegar a ela seja lá como fôr, julgando que por si só esse é o ponto final.

Eu não tenho obsecção da síntese porque eu não tenho outra obsecção senão pintar como sinto naquele instante em que tenho as côres nas mãos e estou diante do assunto — naquela hora só, bem cingida e bem fechada, fora da qual já tudo é diferente. Mas se alguma obsecção perdoável se pode ter, é a da essência, para a qual nem sempre a síntese é um passo.

A essência chega-se intuitivamente pela paixão e pela sinceridade; à

síntese pela inteligência pura ou desarmada.

Pela síntese, as formas que vagueiam nas aparências são encontradas, recolhidas, e, cultivam-se ou deformam-se; pela paixão ou pela sinceridade o espírito chega ao assunto muito antes de nós mesmos, de modo que, quando lá chegamos pela síntese, encontramos a essência ou intimidade das coisas. Quero dizer, que síntese sem essência está fora da minha maneira de ver; e uma coisa sem outra é quasi tão impossível como religião sem Deus e tantas coisas sem outras.

Se algum amor eu tenho a certos troços de pintura que tenho visto, é porque vejo que foi feita com o completo esquecimento de tudo e, apenas, com o espírito presente — o interesse do assunto proveniente da paixão com que foi visto.

Mas não se deve falar muito nisto porque é loucura, e nós não devemos chegar à loucura pela verdade, devemos antes chegar à verdade pela loucura.

* *

A grandeza dos volumes está na luz que os revela e nos olhos afeitos às grandes superfícies.

Para uns olhos novos tem mais interesse, pelo que tem de plástico e de humano, um copo de barro sobre uma mesa, que uma grande paisagem aberta sobre um largo horizonte.

A forma impõe-se sempre, a côr só se impõe quando é dada com intenção de forma.

Preocupa-me muito a beleza pura; atropelo a lógica, a verdade aparente, a perspectiva, para tornar mais pura a minha concepção.

A evolução em mim não está na perfeição da técnica, como se costuma dizer, mas no modo de ver e interpretar. Quanto mais claro vejo um assunto, por muito complicado que seja aparentemente, tanto mais penetro e mais preso fico da sua intimidade.

Tocar a intimidade é, pois, criar beleza. A técnica é uma resultante; varia segundo o assunto.

Sem pretender qualificar-me vaidosamente de louco, direi que em pintura sou um irresponsável pela forte razão de que estou sujeito à influência do irrevelado, e que tenho de falar na linguagem oculta do que já existe, para que os assuntos me respondam. No modo de comunicar com as coisas está toda a verdade da pintura.

GUILHERME FILIPE.

Palavras do Catálogo da Exposição.

UNIVERSIDADE L I V R E

Um grupo de pessoas, fervorosamente dedicadas à causa da instrução, acabam de empreender uma benemérita obra: criaram entre nós uma Universidade Livre.

A formação dum instituto de educação popular, de vulgarização científica e ensino artístico, impunha-se há muito em Coimbra, como terra tradicionalmente dada aos trabalhos do cérebro e meio cuja importância industrial determina, com o acréscimo da população operária, condições cada vez mais exigentes de inteligência e cultura. A Universidade Livre há-de satisfazê-las.

Na sessão solene com que inaugurou seus trabalhos, este belo instituto expôs, pela bôca do sr. Dr. Aurélio Quintanilha, os altos fins que visa e o porque se fundou. Salientando o assustador melindre que a luta de classes oferece, insistiu o orador na conveniência da mais estreita união de doutos com indoutos, de intelectuais burgueses com militantes operários, a-fim de que se corrijam excessos e se cultivem vontades.

Conseguiu de facto o ilustre professor da Universidade de Coimbra pôr a questão em termos os mais justos; e sobretudo provou, em que pese aos detractores de ofício, que é um dos mais cultos e formosos espíritos da sua geração.

A Universidade Livre oferece o triptico o seu deminuto préstimo.

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

número
7
série
3

Afonso Duarte — Alberto Van Hœrtre de Teles Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Celestino Gomes — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Luís Guedes de Oliveira — Mário de Castro — Vitorino Nemésio.

Número avulso 1\$50; Série de 3 números 4\$50. Redacção: T. da Rua do Norte, 4

Coimbra
15
fevereiro
1925



“tríptico”

MILLY POSSOZ
“SANTA MARIA DE SINTRA”
GRAVURA EM MADEIRA